

**COINFECÇÃO ENTRE COVID-19 E DENGUE, O QUE ESPERAR?**Lara Cardoso Perillo<sup>1</sup>Vitória Lorena da Silva<sup>2</sup>Fernanda Ramos Barbosa de Oliveira<sup>3</sup>Fabrícia Ramos Rezende<sup>4</sup>

Sabe-se bem que a COVID-19 e a dengue são ocasionadas por vírus. A virose causada pelo SARS-coV-2 que se encontra em ascendência mundial, possui como característica uma janela imunológica de aproximadamente 14 dias. Este importante fato pode levar a uma confusão quando se busca obter o diagnóstico entre estas doenças. Corroborando com isto, cursam com sintomas inespecíficos sendo: febre, mialgia, artralgia, náuseas e vômitos (1). Dessarte, tais características podem mascarar o real diagnóstico, trazendo dúvidas a respeito das taxas destas patologias ascendentes no atual momento do país. Este trabalho tem como objetivo identificar se ocorreu uma diminuição dos casos de dengue em decorrência de um grande foco na patologia COVID-19 durante a pandemia. Trata-se de uma revisão de literatura nas bases de dados do Scielo, Google Acadêmico, NCBI e Pubmed utilizando os descritores dengue e COVID-19. Foram encontradas mais de 50 referências, das quais 20 foram selecionadas uma vez que se adequavam aos objetivos de comparação de notificação entre as doenças desta pesquisa, sendo: 1 estudo ecológico de âmbito nacional, 1 estudo transversal e 18 importantes revisões de literatura de diferentes anos, abrangendo temas epidemiológicos, fisiopatológicos e de correlação entre a arbovirose e a infecção respiratória em questão. No Brasil, a epidemia de dengue nos períodos chuvosos é recorrente, pois trata-se de uma país de clima tropical que facilita a reprodução do mosquito *Aedes aegypti*, vetor da doença (5). Contudo, diversos estudos demonstraram que durante a pandemia de COVID-19, houve uma redução nas taxas dos casos de dengue e da sua mortalidade (2,1). Um importante estudo ecológico descritivo de todo o país trouxe dados de notificações entre 2019 e 2021 de ambas as patologias. Desse modo, houveram 13.279.957 casos confirmados de COVID-19, com 345.025 óbitos e 36.056

<sup>1</sup> Discente –UNIFIMES (email: [Laraperillo@academico.unifimes.edu.br](mailto:Laraperillo@academico.unifimes.edu.br))

<sup>2</sup> Discente - UNIFIMES

<sup>3</sup> Discente- UNIFIMES

<sup>4</sup> Docente- UNIFIMES

VI COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR  
IV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR E  
III FEIRA DE EMPREENDEDORISMO DA UNIFIMES



2022

16 A 18 DE MAIO

casos de dengue, com 221 óbitos. Corroborando e exemplificando estas afirmações, o estado de Goiás (com conhecida prevalência de dengue) registrou 501.814 casos de COVID-19 e somente 8 casos de dengue em 2021 (1). O vírus, SARS-coV-2 sofreu mutações durante a pandemia, gerando alteração de alguns dos seus achados clínicos e sua gravidade. Ainda assim, de forma persistente, esses sintomas eram os mesmos encontrados na dengue e outras arborvíroses (3,4), de modo que essa semelhança também é capaz de gerar resultados de exames laboratoriais (como os marcadores inflamatórios proteína C reativa e ferritina) positivos em ambas (1). Mediante os fatos, ocorreu uma subnotificação de dengue no país, uma vez que além da semelhança de quadros clínicos, a alta demanda dos postos de saúde em decorrência de COVID-19 pode ter sobrecarregado os serviços de saúde, também causando este fato (1,2). Outrossim, é notório que o resultado desta baixa notificação dos casos de dengue afetou a eficiência da inspeção pela vigilância epidemiológica e suas ações na comunidade. A cerca dos resultados obtidos através dessa pesquisa, conclui se que é incerto a determinação exata do número de casos de dengue durante a pandemia pela COVID-19. Com isso, ressalta-se a importância da notificação de doenças e da ação dos agentes comunitários de saúde para a prevenção e controle epidemiológico no país.

**Palavras-chave:** Epidemiologia, Diagnóstico, Doenças tropicais, Infectologia, Víroses.

